



Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Educação,
Cultura e Territórios
Semiáridos



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

PERCEPÇÕES DOS AGRICULTORES FAMILIARES IRRIGANTES DO PROJETO SENADOR NILO COELHO (PINSC) EM PETROLINA-PE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia



Governo do Estado da Bahia

Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

**EDUCAÇÃO PARA CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO**

PERCEPÇÕES DOS AGRICULTORES FAMILIARES IRRIGANTES DO PROJETO SENADOR NILO COELHO (PINSC) EM PETROLINA-PE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS

Mábio DUTRA¹; Fábio PORTO².

¹Aluno bolsista da FAPESB, no Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGSA – UNEB – DCH III. mabiodutra@hotmail.com

² Aluno Especial do Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGSA – UNEB – DCH III. fabio_porto10@hotmail.com

Orientador **Prof.º Dr. Jairton Fraga**, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGSA – UNEB/ DCH III - Coordenador do Centro de Agroecologia, Energia Renovável e Desenvolvimento Sustentável – CAERDES.
jairtonfraga@bol.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise de cunho explanatória sobre as percepções dos agricultores familiares irrigantes do Distrito de Irrigação Senador Coelho (DINC) na cidade de Petrolina-PE em relação às transformações sociais e econômicas advindas do processo de produção agrícola nesse local. O trabalho procura entender como o agricultor irrigante percebe sua categorização sócio – econômica a partir da forma como ele se articula culturalmente com os fatores de produção e, a partir disso, as transformações de caráter percuciente em sua relação com a terra, com o trabalho e com a família impostas pela necessidade de adaptação ao perfil pré-estabelecido para o sucesso no agronegócio. Apresenta também a problemática da pesquisa, questões acerca da metodologia, uma breve revisão bibliográfica sobre agricultura familiar e o cruzamento dessas questões com as informações coletadas em depoimentos.

Introdução

O estudo foi realizado no perímetro público irrigado do Projeto Senador Nilo Coelho (PISNC), nos núcleos 1, 5 e 6, na cidade de Petrolina-PE, a partir de entrevistas abertas com sujeitos que se encaixam no perfil selecionado, ou seja, o agricultor irrigante que pensa e gere a “unidade de produção familiar como unidade de vida” (Ferreira et al apud AZEVEDO, 2012, p. 26), mas que se modifica (Wanderley e Tedesco apud LOSEKAN; WIZNIESKY, 2010, p. 4).

Desta forma, o agricultor familiar se modifica para:

[...] adaptar-se ao contexto sócio – econômico moderno, mas as modificações não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas anteriores, e é por ser portador de uma tradição camponesa que este se adapta às novas exigências da sociedade. (WANDERLEY; TEDESCO apud LOSEKAN; WIZNIESKY, 2010, p. 4).

- Nesse contexto, a agricultura se consubstancia numa atividade que propõe a relação entre o Homem, a Natureza e a Sociedade, sendo que estes elementos se inscrevem em um arcabouço sociopolítico e econômico no qual a lógica de mercado impera e impõe a dinâmica na qual o agricultor familiar irrigante deve orbitar.

- Nesse ínterim, “[...] os projetos de irrigação constituem espaços construídos a partir das relações entre sociedade e natureza, cujo componente técnico se destaca e assume papel determinante.” (Germani apud COELHO NETO, 2010). Entretanto, a autora destaca que este componente técnico não é neutro, uma vez que as decisões sobre seu uso estão permeadas de conotações políticas.

Mas, diante disso, afinal como o agricultor irrigante do PISNC percebe as transformações sociais e econômicas inerentes à sua atividade como fatores de inclusão ou exclusão social e econômica? Essa questão nos propõe o desafio de entender como o agricultor irrigante percebe sua categorização sócio – econômica a partir da forma dinâmica como ele se articula culturalmente com os fatores de produção, ao mesmo tempo em que ele vai transformando suas relações afetivas com a terra, com o trabalho e com a família.

- Categorização essa que está permeada de variáveis, como o espaço, o Estado, o Governo, a sociedade civil organizada, os indivíduos e suas diversas relações que “[...] concorrem para produção de um espaço que atenda a seus diversos interesses, embora caiba destacar que a correlação de forças seja bastante desigual” (COELHO NETO, 2010)

- Desta forma então se torna de fundamental importância entender como o agricultor percebe a hierarquização de sua condição socioeconômica a partir do acesso à irrigação e das transformações materiais e culturais acarretadas. Tendo em vista que, analisando o trabalho de Azevedo (2010, p. 95), se configura o seguinte:

- Tendo em vista que, analisando o trabalho de Azevedo (2010, p. 95), se configura o seguinte:

Uma observação em relação à política de implantação dos Projetos de Irrigação é a indefinição quanto aos seus objetivos. Existe um conflito entre o enfoque produtivista, cuja intenção principal é construir um espaço de produção agrícola intensiva e o enfoque da política social rural, que se expressa na destinação de áreas reservadas à agricultura familiar.

- No bojo dessa discussão, é fundamental compreender como o perfil sócio – cultural do agricultor joga um papel decisivo na sua capacidade de perceber e de se apropriar pragmaticamente das novas linguagens, necessárias para o domínio dos aspectos técnicos, tecnológicos, ambientais e econômicos dessa atividade produtiva.

- Neste sentido, um dos desafios para os Projetos de Irrigação (PI) atenderem adequadamente à agricultura familiar seria “[...] integrar de maneira eficiente as demandas de acesso à terra, a diminuição da pobreza e os resultados na produção agropecuária (AZEVEDO, 2010, p. 95). Mas, é preciso levar em conta que a capacidade de adaptação deste agricultor familiar ao perfil de competitividade e individualidade necessários para o sucesso no mundo globalizado do agronegócio exigiria uma mobilização de faculdades às quais este agricultor muitas vezes não dispõe.

- Para sobreviver, a linguagem com que o agricultor familiar se relaciona com seu universo simbólico de significados vai se transformando, à medida que ele é desafiado pela complexidade do cotidiano num mundo pautado pelo pensamento hegemônico cartesiano-mecanicista que legitima e sustenta o sistema econômico capitalista.

- Para sobreviver, a linguagem com que o agricultor familiar se relaciona com seu universo simbólico de significados vai se transformando, à medida que ele é desafiado pela complexidade do cotidiano num mundo pautado pelo pensamento hegemônico cartesiano-mecanicista que legitima e sustenta o sistema econômico capitalista.

- Conseqüentemente, trabalhar a compreensão da apropriação dessas novas linguagens passa por identificar como as políticas públicas voltadas para a agricultura irrigada exprimem as escolhas que o Estado faz através de planos, projetos e programas de irrigação ao priorizar o agronegócio e suas características mercadológicas

- Na visão de Coelho Neto (2010): “[...] o grau de dirigismo exercido pelo Estado indica a representatividade de suas ações na conformação do espaço regional, e no alcance dos propósitos institucionais que se confundem com os interesses das frações de classes que detêm o poder político”.

- Nesse contexto, a proposta de estudo deste artigo elenca a necessidade de um aprofundamento do debate no que concerne ao pensamento do agricultor familiar, sobre como ele se transforma diante do panorama desenhado pelas mudanças necessárias para sua sobrevivência na atividade econômica.

PERGUNTA EPISTÊMICA

- Como o agricultor irrigante do PISNC percebe as transformações sociais e econômicas inerentes à sua atividade como fatores de inclusão ou exclusão social e econômica?

- OBJETIVO GERAL

- Entender como o agricultor irrigante percebe sua categorização sócio – econômica a partir da forma como ele se articula culturalmente com os fatores de produção.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender como agricultor percebe a hierarquização de sua condição sócio- econômica a partir do acesso à irrigação e das transformações materiais acarretadas.
- Compreender como o perfil sócio – cultural do agricultor joga um papel decisivo na sua capacidade de perceber e de se apropriar pragmaticamente das novas linguagens necessárias para o domínio dos aspectos técnicos, tecnológicos, ambientais e econômicos do agronegócio.
- Identificar como as políticas públicas voltadas para a agricultura irrigada exprimem as escolhas que o Estado faz através de planos, projetos e programas de irrigação ao priorizar o agronegócio e suas características mercadológicas

Metodologia

- Trata-se de um estudo de caso sobre a percepção do agricultor irrigante do perímetro público acerca das transformações sociais e econômicas inerentes à sua atividade, bem como dos fatores de inclusão ou exclusão social e econômica
- Abordagem fenomenológica cuja forma infere ligações operacionais históricas, mas que também projetam acontecimentos contemporâneos (YIN, 2005, p.26).

Metodologia

- Na seleção de entrevistados, consideramos que, em Becker (1997 apud AZEVEDO, 2012, p.108), nos estudos de caso qualitativos, o pesquisador pode e deve criar as soluções necessárias para seus problemas de investigação, produzir as teorias e técnicas, exercitando a liberdade na elaboração dos métodos capazes de responder às suas indagações.

Metodologia

- Desta forma, delineamos os sujeitos a serem entrevistados buscando determinadas formas de relação com o mercado, acesso ao progresso tecnológico e ao fomento cujas inovações e modificações não tenham ainda alterado seu horizonte cultural e modo de vida, onde a propriedade e o trabalho ainda tenham um forte laço de significado em relação ao local e à família.

Metodologia

- Os fruticultores envolvidos preponderantemente com a viticultura e mangicultura estão num patamar de relações sociais de produção, cuja monocultura, conforme Azevedo (2012, p.211), “[...] gera uma maior correspondência entre os produtores em termos de demanda de tecnologia, insumos e maquinários, bem como ofertas e volume de produção”. Ou seja, a monocultura que demanda um considerável capital imobilizado, repercute em relações sociais de produção não essencialmente ligadas às necessidades da família e expectativas comunitárias

Metodologia

- O Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho (PISNC) possui uma área irrigável de 22.946 ha (DINC, 2013) divididos em duas etapas. A primeira etapa, iniciada em 1982, possui uma área líquida irrigada de 18.857 ha distribuída em 11 (onze) “núcleos de colonização”. A segunda etapa, denominada “Maria Tereza”, foi implantada no final da década de 1990 e possui 4.089 ha irrigados.

Resultados e discussão

- A capacidade de alguns produtores entrevistados de reelaborar sua percepção acerca dos desafios da atividade acabou excluindo outros da agricultura irrigada por falta de capacidade de gerenciamento
- Dessa forma, observamos a ausência de participação da CODEVASF no sentido de orientação e suporte dos agricultores familiares no DISNC

Resultados e discussão

- Mas, é preciso levar em conta que a capacidade de adaptação deste agricultor familiar ao perfil de competitividade e individualidade necessários para o sucesso no mundo globalizado do agronegócio exigiria uma mobilização de faculdades às quais este agricultor muitas vezes não dispõe.

Resultados e discussão

- Neste sentido, um dos desafios para os Projetos de Irrigação (PI) atenderem adequadamente à agricultura familiar seria “[...] integrar de maneira eficiente as demandas de acesso à terra, a diminuição da pobreza e os resultados na produção agropecuária (AZEVEDO, 2010, p. 95).

Resultados e discussão

- Conseqüentemente, trabalhar a compreensão da apropriação dessas novas linguagens passa por identificar como as políticas públicas voltadas para a agricultura irrigada exprimem as escolhas que o Estado faz através de planos, projetos e programas de irrigação ao priorizar o agronegócio e suas características mercadológicas.

Resultados e discussão

- Carvalho (2011) coloca que os processos de subjetivação e significações dos sujeitos com sua identidade territorial não são neutros, expressam a forma como o **Estado** e a **elite regional** impõem condutas e linguagens que descontextualizam seu modo de vida, interferem na sua territorialidade. Conseqüentemente, transformam culturalmente as relações sociais.

Resultados e discussão

“Eu vejo muito produtor preso aí. Eu, quando o atravessador chega aqui na minha roça e não tem preço pra minha mercadoria, um preço estável, eu carrego o meu carro, levo pro mercado do produtor e vendo. Volto com meu dinheiro no bolso, Já pagando uma água, uma energia, um adubo, entendeu? É isso aí. Me sinto um produtor mais inteligente nisso aí. Eu tô de olho no mercado. Se o cara vem aqui e não me apresenta um preço estável, eu já sei pra quem eu vou vender. Eu tenho uns contato de quando eu negociava antes. Pra mim tá fácil, mas tem muito produtor aí que tá preso”. (I. de J.Q, 2014).

Resultados e discussão

- Sua relação com a terra e o trabalho se ressignifica à medida que ele vai se transformando de “colono” em “fruticultor” e apreende em diferentes níveis de compreensão a lógica de acumulação capitalista e suas relações sociais de produção, aonde a terra vai perdendo a dimensão simbólica do lugar, tornando-se gradativamente apenas um bem de valor mobiliário.

Resultados e discussão

- Aquele que, mesmo pertencente à categoria de I.de J. Q., não desenvolveu as competências e habilidades necessárias para superar os desafios impostos pelos cada vez mais complexos processos de acumulação de capital, inerentes ao processo de “modernização agrícola”, perdem gradativamente a autonomia, incorporam-se na atividade como assalariados, vendem a terra e são excluídos ou marginalizados do “pacote tecnológico” da cadeia agrícola “moderna”.

Resultados e discussão

- Este, então, o argumento [...] para explicar a persistência da questão camponesa, as causas do atraso da agricultura (milhões de camponeses sem-terra e numerosas famílias atingidas pelo desemprego e subemprego, conflitos de posse e invasões de terras, destruição de recursos naturais e degradação ambiental, a pobreza extrema, a estagnação da produção agrícola e acentuação da dependência alimentar), em particular, e para a economia, países subdesenvolvidos: geralmente um capitalismo burocrático, como um capitalismo tardio, amarrado ao semifeudalismo e dominado pelo imperialismo. (MARTÍN, 2005, p.7).

Resultados e discussão

- Outro exemplo, diferente em suas particularidades, é a entrevistada A. G., que tem formação em nível superior. Seu pai foi um dos colonos do início do PISNC. Produziu tomate e cebola, no lote no N-5, com 8 ha. Todavia, veio a falecer em um acidente na primeira colheita. A. G. e seu irmão auxiliaram sua mãe produzindo feijão, algodão, banana, coco, acerola, maracujá. Mas, hoje o lote *se encontra arrendado*, com 2 ha de acerola, 1 ha de coco, 2 de banana. Outros 3 ha *estão abandonados*. A.G é *funcionária* do DINC e o irmão é *funcionário público*.

Resultados e discussão

“Eu acompanhei. Realmente minha mãe fez um empréstimo, pra o plantio de 1 ha de banana, um de coco e um de goiaba no Banco do Nordeste. Foi facilitado porque tinha um período extenso pra começar a pagar. Mas quando começou o período pra realmente começar o pagamento nós estávamos já com a banana... Sofreu um problema de natureza meteorológica... Chuvas e vento acabou dificultando e a gente veio a não conseguir fazer o pagamento dessas parcelas”. (A.G., entrevistada em 27 de junho de 2014).

Resultados e discussão

- A relação entre as falas dos agricultores entrevistados e o pensamento de Martín (2005), fica clara, principalmente no que tange às famílias atingidas pelo subemprego e desemprego, mesmo possuindo o acesso à terra, mas que não dispõem das devidas condições para mantê-la produtiva e capaz de sustentar a sua sobrevivência.

Resultados e discussão

Quanto ao aspecto do crédito, I. de J. Q, coloca que:

“[...] uma dificuldade, pois o agricultor familiar não domina certas *palavra* necessária para se apresentar uma proposta de financiamento no banco”.
(I. de J. Q., 2014).

Ele relaciona até a aparência como condição para conseguir a aprovação de financiamento bancário, além dos entraves burocráticos que se constituem num degrau difícil de ser transposto na sua visão:

“Se for depender do banco, a gente não sai do lugar”. (I. de J.Q, 2014).

Resultados e discussão

- Sobre a assistência técnica, continua I.de J. Q (2014):

“O conhecimento técnico é um problema muito grande. Eu tô a 3 anos aqui nesse lote. Nós tem técnico aqui no distrito, ou melhor da PLANTEC [prestadora de serviços]. O técnico que nós têm pra cá, pra cada distrito desse, caberia a ele, isso é até uma cobrança, fazer uma visita ao produtor de vez em quando. Mesmo que ele mora na vila ou more na roça, mas eu acho que a função do técnico é nos visitar, ver, ou até mesmo o produtor procurar o técnico. Três anos sem presença de um técnico agrícola”.

Resultados e discussão

- Já o entrevistado foi D.M., possui propriedade no N-1 do PISNC e há 23 anos trabalha com agricultura. Goiano, trabalhou na Cooperativa Agrícola Cotia. Já em Petrolina, foi extensionista rural no próprio DISNC. Adquiriu um lote e produziu batatinha e alho. Atualmente produz goiaba, maracujá e acerola e **1 ha de uva em implantação com recurso próprio**. Ele trabalha com 4 pessoas diretamente no cultivo e sua família **não faz parte da rotina do lote**.

Resultados e discussão

“Eu dei assistência técnica muito tempo, mas quando você chega dentro da área, que você fica aqui, você perde toda a noção... (pausa alongada) Você tem o conhecimento, mas novas tecnologias você não sabe. Aí, tem a assessoria técnica através do distrito pela PLANTEC [prestadora de serviços], da CODEVASF (...). Eu baseio sempre no meu conhecimento, mas também sempre busco fora. Tenho colegas técnicos, agrônomos, trago o cara aqui e a gente conversa sobre como pode resolver o problema”. (D.M., 2014).

Resultados e discussão

- Comparando a forma como dois dos três entrevistados dispõem da assessoria técnica e crédito percebe-se que D.M., diferentemente de I.de J. Q aborda com desenvoltura o acesso aos técnicos do DINC. Seu cabedal de conhecimento, como ex-técnico agrícola do DINC, o ajuda a fazer uma leitura mais elaborada da conjuntura e na compreensão da linguagem técnica e nos aspectos relacionados à comercialização.

Resultados e discussão

- A capacidade de reelaborar sua percepção acerca dos desafios da atividade demonstrada por I. J. de Q. e D.M acabou excluindo A.G e sua família da agricultura irrigada por falta de capacidade de gerenciamento.

Resultados e discussão

- É evidente que alguns produtores recebem mais atenção que outros dentro do DINC, mediante critérios da própria política seletiva da CODEVASF. Enquanto D.M é um “case” de sucesso, segundo o próprio DINC e, ainda, tivemos que insistir para conhecer I.de J. Q.: um agricultor não mangicultor, nem viticultor e que consegue se adaptar ao universo da produção agrícola dos PÍ S, naquilo que seus saberes permitem realizar.

Resultados e discussão

Vejam os, por exemplo, o que cada um coloca sobre o financiamento custeio agrícola:

“[...] uma dificuldade, pois o agricultor familiar não domina certas *palavras* necessárias para se apresentar uma proposta de financiamento no banco”. (I. de J. Q., 2014). Ele relaciona até a aparência como condição para conseguir a aprovação de financiamento bancário, além dos entraves burocráticos que se constituem num degrau difícil de ser transposto na sua visão: “Se for depender do banco, a gente não sai do lugar”. (I. de J.Q, 2014).

Resultados e discussão

D.M, ao contrário do primeiro sujeito entrevistado, afirma que “O financiamento tá aí. Financiamento tá fácil. Quando for iniciar uma outra área de uva eu vou pegar.” D.M. iniciou o plantio de uma área de uva. Porém, como ainda está na *fase inicial do trabalho* o mesmo está dentro do perfil exigido no processo investigativo de nossa pesquisa.

Resultados e discussão

Essa colocação reforça o perfil seletivo típico do “moderno” produtor que estaria apto e capacitado para gerenciar uma atividade agrícola que exige consideráveis inversões de capital, como, por exemplo, a viticultura e mangicultura irrigada. Domina o pacote tecnológico das relações com os fornecedores de insumos agrícolas e assistência técnica, mecanização, financiamento e relações sociais de trabalho e comercialização. Domina a lógica do pensamento hegemônico que sustenta as relações capitalistas.

Resultados e discussão

- Os dois entrevistados citaram situações de outros produtores que não conseguiram subverter a lógica da acumulação capitalista, passaram de proprietários a trabalhadores assalariados que arrendaram, ou até mesmo venderam sua terra. Muitas vezes até pedindo trabalho:

Resultados e discussão

“Conheço muita gente que saiu do ramo, voltou a ser empregado, voltou a trabalhar sabe, perdeu tudo. Gente que veio pedir emprego, um apoio. Não é só um não, vários. Gente que arrendou a terra porque não conseguiu seguir. Mas pelo menos esse não perdeu, tá esperando a coisa melhorar. Mas eu conheço, amigos *meu*, técnico agrícola, agrônomo que tiveram que vender. Eu acho que isso acontece também porque o pessoal não diversifica, fica na monocultura. Quando vê que algum colega tirou muito dinheiro num ano com uma cultura, quer logo produzir também”.(D.M, 2014).

Considerações finais

- A experiência de conhecer alguns agricultores familiares irrigantes do PISNC nos permitiu aprofundar nossa compreensão sobre a forma como eles se relacionam com a terra e a família, diante da necessidade de adaptação imposta pela chamada “moderna agricultura”.

Considerações finais

- Percebemos também que para além da capacidade que cada sujeito entrevistado demonstrou ter de se reinventar de diferentes formas diante dos obstáculos, existe um perfil pré-determinado pelas políticas públicas nas suas ações ou na falta delas, de qual tipo de produtor terá sucesso econômico ou será marginalizado

Considerações finais

- O “sucesso” deste produtor, bem como os limites e dificuldades enfrentados por ele são decorrentes das contradições da política e da ação pública setorial historicamente instituída. Daí se percebe o lugar da agricultura familiar nas dinâmicas territoriais de desenvolvimento e como ela se transforma para poder sobreviver num perímetro irrigado.

Considerações finais

- O nível de escolarização e formação técnica influencia na forma como os sujeitos entrevistados mobilizam seus saberes para se inserirem na dinâmica da “moderna agricultura” e vão transformando suas relações com as categorias nucleantes, principalmente com a terra.

Considerações finais

- Sua relação com a terra e o trabalho se ressignifica à medida que ele vai se transformando de “colono” em “fruticultor” e apreende em diferentes níveis de compreensão a lógica de acumulação capitalista e suas relações sociais de produção, aonde a terra vai perdendo a dimensão simbólica do lugar, tornando-se gradativamente apenas um bem de valor mobiliário.

Considerações finais

- Mesmo assim, é interessante observar que os entrevistados ainda mantêm uma relação afetiva com o lugar e dele nunca se distanciaram, seja trabalhando ou permanecendo morando no PISNC. A família também continua sendo o elemento central que se entrelaça com o lugar e a comunidade, mas nem sempre a família esteja diretamente ligada à produção.

Considerações finais

- Por outro lado, verificamos que o lugar da agricultura familiar no PISNC reflete as diretrizes de governo e a modificação do espaço em suas opções políticas de legitimação, aprofundamento e ampliação da ordem capitalista, em detrimento da função social da terra e utilidade pública da água. A escolha de vincular a ideia de desenvolvimento no Vale do São Francisco com a priorização da fruticultura irrigada oculta um processo de modernização conservadora da agricultura do ponto de vista das políticas territoriais de “desenvolvimento”, ao mesmo tempo em que os velhos grupos de dominação local mantêm mecanismos de controle social e político.

Referências

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. (Série Pesquisa; v.13).

AZEVEDO, Aldemir Inácio de. Terra, Trabalho e Família: a reprodução social dos agricultores familiares dos projetos públicos de irrigação na Região do Médio Vale do São Francisco. Brasília, 2012. 241p. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

Referências

BARROS, Edonilce da Rocha. Arranjos socioprodutivos da agricultura familiar e adaptação a uma dinâmica territorial de desenvolvimento: o Caso dos Perímetros de Irrigação no Vale do São Francisco, Semiárido Brasileiro. Florianópolis: UFSC, 2007 . Tese de doutorado em Ciências Humanas, apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74645/browse?value=Barros%2C+Edonilce+da+Rocha&type=author>. Acesso em: 06 jun.2014.

CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos (OrgS). EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: fundamentos e práticas. UNEB/DCH III NEPEC-SAB/MTC/Cnpq/INSA. Juazeiro/BA: 2011.

CODEVASF. Disponível em: < <http://www.codevasf.gov.br/> > Acesso em Jun. 2014

Referências

COELHO NETO, Souza Agripino. Trajetórias e direcionamentos da política de irrigação no Brasil: a especificidades da Região Nordeste e do Vale do São Francisco IN BIBLIO 3W: REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES, Barcelona, vol. XV, n. 876, jun. 2010. Serie documental de Geo Crítica. *Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. Disponível em : <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-876.htm> . Acesso em: 06 jul. 2014.

DISTRITO DE IRRGAÇÃO NILO COELHO.
APRESENTAÇÃO PETROLINA-PE: 2013. Disponível em:www.dinc.org.br Acesso em 23 jun.2014.

Referências

LOSEKAN, Marilse Beatriz; WIZNIESKY, Carmem Rejane Floros. Territorialidades e Saberes da Agricultura Familiar Camponesa no “Rincão dos Moura”, Santana da Boa Vista, RS. In: Geografia : Ensino & Pesquisa. Santa Maria-RS: [SI], 2010. v. 14, n 1, p. 59-66.

MARTÍN MARTÍN, Víctor O. Actualidad de la cuestión agraria en el mundo: viejo problema, ¿nuevos enfoques?. In: **IV Conferencia Internacional de Geografía Crítica**. México D. F.: Universidad Autónoma Metropolitana- Xochimilco - Grupo Internacional de Geografía Crítica, 2005.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.